

## O gnômon do psicanalista

*Leonardo Gorostiza*

"O gnômon do psicanalista: será possível sustentar esta fórmula?".

Eis o argumento que propus para apresentar esta noite: "Se o falo é o gnômon que indica a eficácia do sujeito, o que seria o gnômon do psicanalista?".

De uma maneira ou de outra essa questão me acompanha há muitos anos. Ela pode doravante encontrar uma resposta a partir do que ocorreu em minha experiência de analisante, tal como tentei testemunhar anteontem nas Jornadas da ECF. Essa questão se impôs a mim durante a preparação do nosso Congresso de 2002 em Bruxelas, sobre *Os efeitos de formação em psicanálise*. Retornei a um momento de passagem em minha prática analítica, e ao que o tratamento de uma mulher psicótica no início dos anos oitenta implicou para mim: um ganho de saber e a transformação de minha posição de analista, após o impacto desse encontro com a loucura. Como isso se articulou à figura do gnômon?

Começarei lembrando em que consiste o gnômon e onde Lacan fala dele, embora acredite que vocês conheçam bem isso. Como se sabe, essa referência se encontra nos últimos parágrafos do seu escrito "A ciência e a verdade". O ponto de divisão do sujeito - nos indica Lacan - é um nó. Lacan prossegue observando que "Freud o desata [...] nessa falta do pênis da mãe na qual se revela a [verdadeira] natureza do falo". Depois acrescenta:

De um lado, extraímos o (nada-de) do (nada-de-pênis), a ser posto entre parênteses, para transferi-lo para o (nada-de-saber), que é a

(não-hesitação) da neurose. De outro, reconhecamos a eficácia do sujeito nesse *gnômon* que ele constrói para lhe designar a toda hora o ponto de verdade<sup>1</sup>.

Como compreendo esse parágrafo? Por um lado, o sujeito na neurose, a obsessiva, por exemplo, tende a se proteger contra a ausência de pênis da mãe negando-a através de suas vacilações, dúvidas, hesitações; desde então, ele se resigna ao *nada-de-saber*. Por outro lado, nesse mesmo ponto pode se abrir para o sujeito a chance de um *nada-de-saber* sem hesitação, sem dúvida, sem vacilação. Trata-se de um *nada-de-hesitação*. É a vertente em que, no ato, o sujeito é causal, e ao mesmo tempo é dividido por ele<sup>2</sup>. Trata-se então de um ponto nodal. Na condição de *gnômon*, o falo indica o ponto de falta, de divisão do sujeito. Mas o que é o *gnômon*?

Como vocês se lembram, o *gnômon* vem da Grécia antiga: trata-se de uma figura aparentada à divina proporção, ao número de ouro e às espirais equiangulares. Assim, a *spira mirabilis* cresce de forma logarítmica à medida que se afasta do centro. O *gnômon* é "uma porção de figura acrescentada a uma outra figura de forma que o conjunto tenha a mesma forma que a forma inicial"<sup>3</sup>. Na natureza, trata-se do que se encontra no nível da concha em espiral de certos moluscos, por exemplo, no *Nautilus Pompilius*. A concha e seus compartimentos nacarados, da mesma forma que o animal que ali se aninha, crescem em tamanho *sem mudar de forma*. Trata-se de uma relação de crescimento constante, conforme o modelo do *gnômon*.

Há algum tempo, Jacques-Alain Miller utilizou essa imagem para caracterizar os *momentos fecundos* do delírio. Foi em 1995, durante um Colóquio da Seção Clínica de Buenos Aires<sup>4</sup>. Jacques-Alain nos fez observar que os ditos momentos fecundos podiam ser apreendidos segundo o modelo do *gnômon* grego: traçando a diagonal de uma dada figura,

podemos construir toda uma série de figuras com as mesmas proporções, que se correspondem de tal forma que, a partir da célula inicial, encontramos sempre a mesma estrutura, cada vez mais desenvolvida. Essa observação é preciosa para pensar a repetição desses momentos fecundos em que o sujeito está desorientado, até que apareça uma nova manifestação do delírio. A indicação de Jacques-Alain nos permite pensar a repetição desses momentos como *modalidade possível de repetição na psicose*. A repetição dos fenômenos de descontinuidade implicada em cada momento fecundo é a "reiteração gnômica [...] do fenômeno elementar". Pois essa repetição introduz a ideia de uma continuidade na psicose, em que se trata, no entanto, de descontinuidades.

Eis o fio que, durante a preparação do Congresso de 2002, me levou a perguntar o que - *mutatis mutandis* - me parecia poder ser chamado de *momentos fecundos* da formação analítica. Mais precisamente, por um lado, é possível nos perguntarmos como uma sucessão de pontos de ruptura, feita de descontinuidades pode, pela repetição, produzir um efeito de suposta continuidade: a saber, a ilusão de uma *formação progressiva* do analista, enquanto de fato sempre se trata da sucessão de momentos de passagem. Por outro lado, é possível interrogar a própria estrutura desses momentos de descontinuidade na formação.

Acrescentaria apenas uma palavra sobre a diferença gnômica entre neurose e psicose. No caso da neurose, como nos indica a citação de Lacan, o gnômon que se repete é o falo, ou seja, a função do falo como pura ausência (do pênis materno), o falo como (- *phi*).

Trata-se do que se repete na neurose através das *formações do inconsciente*, capaz de se transformar em obstáculo epistemológico. Enquanto, na psicose, o gnômon que se repete através dos momentos fecundos é o *fenômeno elementar*: nela se trata de um gnômon eminentemente singular, conseqüentemente aberto à coragem da invenção.

Então, como esse encontro com a loucura incidiu em minha formação? Como disse há pouco, a coisa ocorreu durante o tratamento de um caso de psicose no início dos anos oitenta. As repercussões dessa experiência tiveram uma primeira conclusão anos mais tarde com um texto apresentado no V Encontro Internacional do Campo Freudiano em 1988 em Buenos Aires, tendo como tema *A clínica diferencial das psicoses*. Nesse texto, eu reconsiderava o tratamento dessa paciente psicótica: tratava-se de uma crítica à direção do tratamento que conduzi na época. Eu havia efetivamente deixado aberta a questão do diagnóstico (entre a loucura histérica e a psicose); ou, apesar disso, a posição que eu havia de fato ocupado desde o início do tratamento implicava ter cedido à significação fálica que a paciente provocava em mim, ou seja, cedido em termos de compreensão fálica.

Eu havia trabalhado essa experiência em meu tratamento na época, minha primeira análise. Ela me permitiu situar e perguntar pela primeira vez o que era para mim o "fundamento neurótico do desejo do analista"<sup>5</sup> - para retomar essa expressão de Jacques-Alain -, um fundamento que se articula com o que expus domingo nas Jornadas. O tratamento já havia permitido isolar anteriormente o mito individual e suas condições subjetivas, que me levaram a escolher a profissão de médico - que poderia ser resumido com a fórmula: "desejo de curar o Outro". Mas ali, a retomada no tratamento dessa experiência de descontinuidade desembocaria em uma clarificação estrutural.

Pude efetivamente descobrir que *ser médico* recobria a posição *ser o único*. Na qualidade de traço de exceção, *ser o único*<sup>6</sup> é, além disso, outra referência ao fundamento neurótico do desejo do analista. *Ser o único*, o único capaz de curar o que aparecia como um nome da falta no Outro: a "loucura" do Outro materno.

Isso me permitiu então elucidar minha posição de *phallus* do Outro materno, como obturador da dita falha: havia feito avançar a "compreensão" em termos de significação fálica e confundido meu diagnóstico relativo à psicose dessa paciente.

Essa primeira análise foi concluída com a destituição dessa posição de identificação ao falo. Em outros termos, essa conclusão estava ligada à resolução do que havia ficado incompleto na metáfora paterna. Seguiu-se um efeito de desidentificação fálica. Como Lacan explica em "A direção do tratamento...", "é preciso que o homem, macho ou fêmea, aceite tê-lo e não tê-lo, a partir da descoberta de que ele não o é"<sup>7</sup>.

Isso me permitiu instalar certa distância em relação ao falo, ou seja, ao gnômon da neurose e teve, evidentemente, incidências em minha prática. Poderia ser resumido como a passagem de uma posição terapêutica a uma posição efetivamente analítica.

Entretanto, como acredito ter podido demonstrar no domingo, várias voltas eram ainda necessárias. Lacan nos diz no *Seminário 11*: "Há apenas uma psicanálise, a psicanálise didática - o que quer dizer que uma psicanálise completou essa volta até seu termo. A volta deve ser percorrida várias vezes", e em todo caso "mais de uma vez"<sup>8</sup>.

Esse "mais de uma vez" é o que ocorreu em minha última análise, que terminou com a produção de um novo significante de gozo, um significante-mestre de um novo estilo: "a-calçadeira-sem-medida". Um significante, um semblante, surgido do próprio gozo. Esse significante é o índice de um gozo impossível de negativar, ou seja, de um gozo que não está regulado pela castração, que não cai sob o golpe de - *phi*. Em outras palavras, há ali alguma coisa que não se deixa mais circunscrever unicamente sob os auspícios do gnômon fálico.

Isso significa que há alguma coisa a mais, que se articula - sem, no entanto, se reduzir a ele - ao que Lacan, na citação da qual partimos, chama "*nada-de-saber*" sem hesitação, ao próprio momento em que o ato divide o sujeito. Essa *qualquer coisa a mais* remete à experiência de um gozo impossível de negativar.

Em "O Aturdito", Lacan faz explicitamente menção à medida da castração. Vocês têm em mente a passagem em que, depois de ter lembrado como Freud formulou a função fálica, Lacan diz: diferentemente de Freud, "eu repito, eu não imporá às mulheres a obrigação de toesar com a calçadeira [*chaussoir*] da castração o estojinho [*gaine*] encantador que elas não elevam ao significante, mesmo que a calçadeira, por outro lado, ajude não somente o significante, mas também o pé"<sup>9</sup>. E Lacan conclui: "Que a calçadeira se recomende por isso é, portanto, uma decorrência, mas que elas possam prescindir desta deve ser previsto, não só no MLF<sup>10</sup>, que está na moda, *mas também por não existir relação sexual*".

O que calça - quer se trate da calçadeira ou do calçado -, é a castração, na medida em que ela calça o gozo<sup>11</sup>. É a castração que faz o gozo entrar na norma, na medida: é alguma coisa de um gozo impossível de negativar, e que remete ao incomensurável do feminino.

Nesse momento intervém outro sonho. Um sonho posterior àquele que evoquei no último domingo e que surgiu na última parte da minha análise.

"Um programa quimioterápico será administrado a um grupo de pessoas. Esse grupo é formado de duplas. Cada uma dessas duplas é composta por dois humoristas, sendo um deles caricaturista. São todos homens. Percorro o lugar e vejo inúmeros pares de sapatos. Um par de sapatos, um pouco deformados e de cor laranja vivo, se destaca do resto. Alguém está comigo. Alguém que não se confunde com o grupo dos homens. É uma mulher, minha mulher, talvez. Eu me

dirijo a ela e, bastante encolerizado, lhe digo que é terrível submeter essas pessoas a um programa quimioterápico comum, sem consideração pela particularidade de cada câncer e pela resposta singular de cada um ao tratamento do seu próprio câncer. Ela consente, sacudindo a cabeça".

O sonho termina aqui.

Várias associações se apresentam. Os pares de humoristas, seus pares de sapatos me evocam os inesquecíveis Vladimir e Estragon, de Samuel Beckett, na peça *Esperando Godot*. Talvez seja uma representação imaginada do par significante, do par  $S_1-S_2$ , acompanhada de um lampejo de humor.

E o câncer? Por que não uma alusão a essa doença que é a linguagem, esse câncer do *falasser* que constitui o incurável de nossa espécie, sua "doença mortal"?

E esse par de calçados um pouco deformados e de um laranja tão vivo? Por que não os sapatos de Van Gogh? Eu me lembro que Lacan dizia alguma coisa a propósito na *Ética...* Retorno ao *Seminário 7* e, não sem surpresa, leio isto: "para que vocês comecem a ver as botinas de Van Gogh viverem em sua *incomensurável* qualidade de beleza"<sup>12</sup>.

O incomensurável, ainda! É uma mulher que se distingue dos duplos "homossexuais" - no sentido em que falamos do "inconsciente homossexual" como conjunto fechado. Agora compreendo por que foi precisamente a ela, uma mulher, que me dirigi. Ela é o que explica o porquê de minha cólera diante da mortificação da medida comum - daí seu assentimento.

Mas finalmente, o que é que, como em "A carta roubada", é ali mais visível? Que daí por diante  $S_1$  e  $S_2$  não calçam mais, e que a "calçadeira-sem-medida" pode então servir também para "descalçar". Foi a isso que aludi domingo passado.

Ora, a estrutura desse sonho é similar à de outro sonho, que relatei em público há alguns anos. Alguns de vocês se lembram disso? Eu contei esse sonho em minha palestra na abertura do IV Congresso da AMP, em Comandatuba. É o sonho do *estilo*, que contei assim:

Pouco depois de ter sido nomeado responsável pelo comitê científico, tive um curto sonho: "Eu comunicava à Graciela Brodsky [então delegada geral da AMP] que, para lançar o trabalho preparatório para o Congresso, eu decidira enviar uma caneta [*stylo*] a cada um dos membros da AMP. E isso para que cada um deles, cada um de vocês, a trouxesse para o Congresso. Eu estava muito contente com essa ideia. Mas Graciela, escutando, me olhava com certa perplexidade e, por que não dizer, certa indulgência. Ela não compreendia, evidentemente, o motivo do meu entusiasmo. Finalmente eu lhe explicava qual era a ideia - esta era inaudível no sonho. Com um sorriso de aceitação, ela passou a partilhar meu entusiasmo". Assim era o sonho.

"Devo confessar" - dizia eu na abertura do IV Congresso - "que ao despertar, a perplexidade tomou conta de mim". Em seguida, efeito de uma primeira leitura, o mal-estar me invadiu. Estaria eu ainda habitado pela ideia de imaginar que seria possível dar a cada um o seu, ou seja, a medida comum do falo? Estaria sempre intacta a crença em um Outro capaz de calcular de maneira impecável e prover uma justiça distributiva absoluta? A cada um seu falo! Um sonho como esse não tinha realmente nada de encorajador!

Entretanto, nos minutos que se seguiram, o entusiasmo presente no sonho encontrou seu fundamento. Eu estava de partida para Paris. Bastou-me uma simples conversa, banal, cotidiana, em um bar onde alguém pedia "Dê-me uma caneta [*stylo*]", para me dar conta do *equivoco translinguístico* que o inconsciente soubera fazer.

O desejo que o sonho representava de maneira deslocada era simplesmente que cada membro da AMP viesse a

Comandatuba com seu próprio... estilo!<sup>13</sup>. Cada um com o incomparável do seu estilo singular. Isso não é nada mal. Cada um com seu estilo! Eis como terminei essa abertura.

Dois sonhos. Em cada um deles, falo de uma mulher. Nos dois casos, o assentimento delas está ligado ao próprio fato de colocar um limite ao todo fálico. Mas o que se passou de uma à outra para que o incômodo transformado em desejo no primeiro se tornasse uma certeza colérica no segundo?

Houve precisamente "uma volta a mais", aquela que no domingo eu propunha nomear: "ter experimentado o incomensurável".

Tendo chegado ao final desse percurso, retomo minha questão inicial: será "o gnômon do psicanalista" uma fórmula válida para designar a estrutura dos *momentos fecundos* da formação de um psicanalista?

Ouso responder afirmativamente dizendo que, por exemplo, a "calçadeira-sem-medida" poderia ser considerada como o nome do meu gnômon de psicanalista. Pois o gnômon do psicanalista - tal como acredito compreendê-lo - não poderia se satisfazer somente com o que se obtém, uma vez feita a experiência da desidentificação fálica. É um passo necessário, mas insuficiente. É preciso uma volta a mais: a que permite àquele que através desse passo se torna psicanalista, particularizar seu significante fálico. Ou seja, traduzi-lo em um significante particular, um  $S_1$  particular e, a partir daí, tornar possível a experiência do incomensurável, a experiência de um gozo impossível de negativar.

Isso não supõe abjurar o gnômon fálico, mas chegar a entrever, digamos, sua outra face, ligada ao real de um gozo que indica a contingência do encontro com o impossível da relação sexual.

No *Seminário 20* Lacan fala da contingência do falo, da maneira com que a experiência analítica *cessa de não*

escrevê-la, e conclui: "A experiência analítica encontra aí seu termo, pois tudo o que ela pode produzir, segundo minha escrita, é  $S_1$ . Penso que vocês ainda se lembram do rumor que provoquei ao introduzir na última vez esse significante  $S_1$ , designando-o *significante do gozo* mesmo o mais idiota - nos dois sentidos do termo, gozo do idiota, que tem aqui sua função de referência, e também o gozo mais singular"<sup>14</sup>.

Isso quer dizer que o falo, como significante do gozo impossível de negativar (ou seja, como grande Phi e não como - *phi*) é sinal da contingência do encontro com o que não cessa de não se escrever da relação sexual. Assim, "a aparente necessidade da função fálica se revela ser apenas contingência"<sup>15</sup>.

Acredito então que podemos afirmar que o gnômon do psicanalista - singular a cada análise - não passa de um significante-mestre do gozo *produzido* na experiência analítica. Como tal, ele não se reduz ao falo imaginário, ao - *phi* correlato à ficção da lei edipiana. Essa *produção*, que difere da *forma* que se repete nas *formações* do inconsciente transferencial<sup>16</sup>, é o que ocasiona uma *eficácia "advertida" do sujeito*, advertida - como enfatizei domingo - do impossível "calçamento" que há entre o verdadeiro e o real.

Em 1993, em Valença - onde no próximo fim de semana participaremos com Éric Laurent das Jornadas da ELP - Jacques-Alain insistia que "o analista não tem forma" e que "é muito mais do lado do *sem forma* que ele pode estar disponível para a fantasia do analisante"<sup>17</sup>.

Ora, se o gnômon é uma forma que se repete, que seria então o gnômon do psicanalista?

Acredito que ele implicaria o paradoxo de uma forma que inclui sua própria transformação, alguma coisa como uma *trans-forma*, uma nova forma que não estava anteriormente no Outro. É nisso que ele está aberto à contingência do novo.

Eis porque - e como disse domingo - penso que a "calçadeira-sem-medida", ou seja "um objeto paradoxal, um nome que tem alguma coisa de holófrase ou de oximoro" pode ser considerado o gnômon do psicanalista em meu caso.

Tendo feito assim a experiência de sua própria contingência, a estrutura do *gnômon* do psicanalista, mesmo que se repita, originará uma relação completamente diferente com a necessidade, ou seja, uma nova relação com a repetição. Essa é, acredito, a condição do *saber fazer*. Mas então - e com esta questão concluirei - o gnômon do psicanalista - se essa fórmula se sustenta - não seria um outro nome do *sinthoma*?

Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa.

---

<sup>1</sup> Lacan, J. (1998[1965-1966]). "A ciência e a verdade". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 892.

<sup>2</sup> "Sept remarques de Jacques-Alain Miller sur la création". Trechos redigidos por Françoise Schreiber da exposição de Jacques-Alain Miller na noite da Biblioteca dedicada a *Joyce com Lacan*. (abril, 1988). In *Lettre mensuelle - Revue de psychanalyse* (68). Paris: L'École de la Cause freudienne, p. 12.

<sup>3</sup> Huntley, H. E. (1987). *La divine proporcion*. Paris: Navarin, pp. 201-202.

<sup>4</sup> Miller, J.-A. (dezembro, 2008). "L'invention du délire". *La Cause freudienne* (70). *Op. Cit.*, pp. 83-86.

<sup>5</sup> Idem. (setembro, 1994). "Remarques sur les fondements névrotiques du désir de l'analiste". *Lettre mensuelle* (132). *Op. Cit.*, p. 5.

<sup>6</sup> Idem. *Ibidem*. "O único, o preferido, o vilipendiado, o excluído, o extraordinário, tanto em sua versão exaltada quanto na versão de paria".

<sup>7</sup> Lacan, J. (1998[1958]). "A direção do tratamento e os princípios de seu poder". *Op. cit.*, p. 649.

<sup>8</sup> Idem. (1973[1964]). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Paris: Seuil, p. 246.

<sup>9</sup> Idem. (2003[1973]). "O Aturdito". In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

<sup>10</sup> MLF - Mouvement de Libération des Femmes - grupo feminista francês. (N.T.)

<sup>11</sup> Miller, J.-A. (2008[1991]). "Dialéctica del todos y del Uno". In *De la naturaleza de los semblantes*. Buenos Aires: Paidós, pp. 71-84.

<sup>12</sup> Lacan, J. (1988[1959-1960]). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

<sup>13</sup> Equívoco homofônico entre *estilo* ["style", em francês] e *stylo* [*lapiseira, caneta esferográfica, caneta-tinteiro*]. (N.T.)

<sup>14</sup> Lacan, J. (1985[1972-1973]). *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 126. Os itálicos foram acrescentados por mim.

<sup>15</sup> Idem. *Ibidem*, p. 127.

---

<sup>16</sup> "Formação do inconsciente é precisamente distinto de produzido pelo inconsciente, pois o *produto* do inconsciente, diferentemente de sua formação, não conserva a forma do inconsciente. O produto, diferentemente da formação, não conserva a forma". Miller, J.-A. (2000[1989]). "Ignorancia, trabajo, pereza, producto". In *El banquete de los analistas*. Buenos Aires: Paidós, p. 87.

<sup>17</sup> Idem. (2006[1993]). "Cosas de familia en el inconsciente". In *Introducción a la clínica lacaniana*. Barcelona: RBA Libros, p. 339.